

EDITORIAL**VIOLÊNCIA INFANTIL E A REALIDADE BRASILEIRA**Maíra Rosa Apostolico¹

O Atlas da Violência 2016⁽¹⁾, publicado recentemente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, mostrou como a violência está presente nas cidades brasileiras. Quase metade dos óbitos por homicídios, entre os homens, concentra-se na faixa etária de 15 a 29 anos, crescendo desde 1980 e com destaque para a última década. Além disso, o mesmo relatório mostra a subnotificação da ação letal da polícia, quais são os grupos mais vulneráveis à violência e a violência de gênero como motivo de morte de treze mulheres por dia durante o ano de 2014. Estas são as estatísticas da violência no Brasil.

Casos de violência doméstica infantil são notificados diariamente nos serviços de vigilância epidemiológica dos municípios, onde pai e mãe figuram como agressores em mais de 60% das ocorrências. Mães são mais responsabilizadas pela negligência, a violência física acomete mais os meninos e a violência sexual vitima as meninas. Neste último caso, os pais e padrastos são os agressores mais frequentes⁽²⁾.

Mais perto do nosso cotidiano, presenciamos recentemente notícias sobre um estupro coletivo no Rio de Janeiro. Dias depois, nova manchete expôs o caso de duas crianças que teriam roubado um carro na cidade de São Paulo. Durante a fuga, trocaram tiros com policiais e um dos meninos, com 10 anos de idade, foi alvejado e morto. Denúncias de trabalho infantil, exploração e abusos sexuais por familiares, violência física, espancamento e morte são notícias presentes no cotidiano dos meios de comunicação.

A população reage ocupando espaço nas mídias sociais, tornando-as palco de debates, desabafos, reflexões, argumentos, posicionamentos, julgamentos, culpabilização das vítimas e revolta. Nos meios de comunicação em massa observamos a exploração, reiteração e revitimização. Nos lares, o debate certamente dividiu-se entre posicionamentos permeados por aspectos culturais, religiosos, morais, éticos e a experiência pessoal de como é certo criar os filhos. Pouco se discute a evidência de que as crianças estão expostas a um mundo que não condiz com suas necessidades, impondo-lhes vulnerabilidades de difícil superação.

Os dados do Atlas nos permitiram observar rapidamente que as maiores vítimas de homicídios são os jovens pais das crianças igualmente vitimadas no contexto doméstico. No espaço público, observamos a exposição precoce de crianças e adolescentes aos mais diversos conteúdos. No espaço privado, onde o desenvolvimento deveria ser garantido, nos deparamos com outras vulnerabilidades como as dificuldades econômicas, sociais e de exercício da maternidade, paternidade e cidadania. A violência não está presente em ambos os contextos por acaso: ela se reproduz em cada espaço, perpetuando-se nas relações interpessoais.

A violência contra crianças e adolescentes não é um fenômeno novo e está muito longe de acabar. De pais para filhos, de adultos para crianças, de gerações para gerações o uso da violência como forma de solucionar conflitos é uma prática de todos os tempos. O que vem mudando, de fato, é a visibilidade dos casos, suscitando debates acalorados embora muitas vezes infrutíferos. O que falta para que tais debates promovam mudanças?

Pensem no nosso papel diante desta realidade. A academia pode contribuir substancialmente com o enfrentamento da violência, sobretudo a violência infantil. A análise crítica de dados estatísticos e epidemiológicos tem levado pesquisadores a compreender este fenômeno em suas diferentes formas de

¹ Enfermeira. Doutora em Ciências e Pós-Doutora pelo Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Guarulhos.

apresentação e maneiras de interrompê-lo, antes de causar tantos danos à criança, às famílias e à sociedade.

Um caminho fértil para superação está na aproximação do fenômeno aos conceitos de gênero e geração. Uma abordagem crítica da realidade mostra que o exercício abusivo do poder entre homens e mulheres e entre adultos e crianças tem marcado os casos de violência infantil. O exercício da cidadania cerceado e o direito violado são apenas as consequências imediatas das relações desiguais que vem sendo praticadas e perpetuadas ao longo dos tempos. A longo prazo, o resultado desse cenário é o que vemos nos jornais todos os dias.

A caminhada é árdua e longa em busca da construção de espaços sociais emancipatórios e relações interpessoais saudáveis. É urgente a necessidade de incluir o tema nos conteúdos acadêmicos de ensino e pesquisa e nas práticas de cuidado em saúde. Seja no espaço público ou privado, interromper a violência significa construir e fortalecer maneiras salútares de se relacionar e resolver conflitos. Todo o esforço da ciência terá sido em vão se não caminarmos neste sentido e com estes objetivos.

REFERÊNCIAS

- (1) Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada. Nota Técnica: Atlas da Violência 2016. [Internet]. [Acesso em: 2016 Jun 23] Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf
- (2) Nunes AJ, Sales MCV. Violência contra crianças no cenário brasileiro. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2016 Mar [Acesso em: 2016 Jun 23]; 21(3): 871-880. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000300871&lng=en.
<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>.